

Ado(l)e(s)cer: enfermidade, memória e identidade nas narrativas juvenis *Treze anos de Branco* (1994) e *O tempo das surpresas* (2007)

Sick(te)en: disease, memory and identity in the juvenile narratives *Treze anos de Branca* (1994) e *O tempo das surpresas* (2007)

SILVANA AUGUSTA BARBOSA CARRIJO*
JOÃO LUÍS CARDOSO TÁPIAS CECCANTINI**

Resumo: O presente trabalho compreende a análise dos aspectos temáticos e procedimentos formais de escrita das narrativas juvenis *Treze anos de Branca* (1994), do escritor galego Agustín Fernández Paz, e *O tempo das surpresas* (2007), do brasileiro Caio Riter. Os protagonistas adolescentes de tais narrativas, acometidos por enfermidades graves, encetam, durante o período de tratamento, um mergulho em suas subjetividades, por via da rememoração de um passado que, analisado à luz das circunstâncias do presente, evidencia o caráter cambiante de suas identidades. As duas obras, representativas da qualidade estética do subsistema literário juvenil, põem em relevo o diálogo entre literatura e medicina.

Palavras-chave: narrativas juvenis, enfermidade, memória, identidade

* Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás, Mestrado em Letras e Linguística, Doutorado em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e Pós-Doutorado na UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Professora Adjunta da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística – Universidade Federal de Goiás, atuando na Graduação e no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem. Pesquisadora do GT da ANPOLL “Leitura e literatura infantil e juvenil”, do Grupo de Pesquisa “Leitura e literatura na escola” – UNESP/ASSIS e do Grupo de Pesquisa “Dialogos – estudos interdisciplinares em gênero, cultura e trabalho”.

** Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Mestrado e doutorado em Letras pela mesma universidade. Pós-Doutorado na Universidade de Santiago de Compostela e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil. Professor assistente doutor da UNESP, atuando junto à Disciplina de Literatura Brasileira, pesquisando os temas: literatura infantil e juvenil, leitura, formação de leitores, literatura e ensino e literatura brasileira contemporânea. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Leitura e Literatura na Escola” e do Grupo de Trabalho da ANPOLL “Leitura e Literatura Infantil e Juvenil”.

Abstract: This paper is composed by analysis of nearness and differences of the thematic features and formal procedures written of the youthful narratives *Trece anos de Branca*, by the Galician writer Agustín Fernández Paz, and *O tempo das surpresas*, by the Brazilian writer Caio Riter. The teenagers protagonists of these narratives, affected for serious diseases, begin a plunge in their own subjectivity, through the recollection of a past that, considered in the light of the present circumstances, evinces the convertible quality of their respective identities. Both works, representative of the esthetic quality of juvenile literary subsystem, highlight the dialogue between Literature and Medicine.

Keywords: fiction for youngsters, diseases, memory, identity

Dizia Donne que ninguém dorme na carreta que o conduz do cárcere para o patíbulo e que, no entanto, todos dormimos desde a matriz até a sepultura, ou não estamos inteiramente despertos.

Uma das missões da grande literatura: despertar o homem que viaja com destino ao patíbulo.

(Ernesto Sabato)

Em boa parte das vezes, a arte literária se reporta à experiência humana de maneira mais profícua que muitos outros campos culturais. Barthes (2004, p.18) demonstra como todas as ciências se fazem presentes no monumento literário. Steiner (1988, p.24) assevera “que comprovadamente existe mais compreensão da questão do homem em Homero, Shakespeare ou Dostoiévski do que em toda a neurologia ou a estatística”. Antonio Candido (2004) discorre sobre a *função humanizadora da literatura*, que se traduz, entre outras questões, na possibilidade de nos fazer perceber a complexidade do mundo e dos seres.

No campo da literatura infantil e juvenil brasileira, o escritor paulista Ricardo Azevedo (2006) observa como a literatura contempla temas caros à condição humana como a busca pelo autoconhecimento, as paixões, o drama do envelhecimento, a implacabilidade do tempo e da morte, o amor, o ódio, a inveja, as utopias pessoais, a busca de um sentido para a vida, entre outros. Azevedo ressalta também como tais temas não são passíveis de lições – como o são os conteúdos que comumente compõem o currículo escolar - sendo plenamente acessados somente pelas vias da literatura.

Uma das razões pelas quais a literatura apresenta essa visada de maior envergadura sobre o humano reside no fato de que ela instaura o múltiplo onde a rigidez de discursos e outros saberes os restringe, frequentemente, à estereotipia. O literário infiltra-se nos interstícios do revelado e do recôndito, suplanta o certo, traz à baila o inesperado, o não óbvio, o calculado de parelha com o imprevisito. A literatura trata do mesmo, mas contempla o outro, debruça-se sobre a identidade sem negligenciar a alteridade; faz-se de um jogo de luzes e sombras em que a ilusão de uma identidade única e imutável cede lugar a uma pluralidade de seres e vozes:

Quando lemos romances, não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais o romancista nos transporta. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfixiante que é nossa vida real abre-se e saímos para ser outros, para viver vicariamente experiências que a ficção transforma como nossas. Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa – a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil. Esse espaço entre a vida real e os desejos e as fantasias, que exigem que seja mais rica e mais diversa, é preenchido pelos livros de ficção (LLOSA, 2004: 17).

Em se tratando da representação literária dos paradigmas identitários, mais especificamente no que concerne às identidades juvenis, o texto literário nos permite relativizar verdades cristalizadas em torno dos sujeitos compreendidos sob tal rubrica, uma vez que os contempla pelo viés de uma multiplicidade de perfis e não pelo imediatismo das representações unívocas. Assim, para além das representações estereotipadas de jovens rebeldes e delinquentes, atores de uma sexualidade afluada, descompromissada e dotados de excesso de vitalidade; para além da representação unívoca de jovens com perfis identitários hegemônicos como, por exemplo, os adolescentes brancos, sorridentes, destemidos, escravizados pelos consumismo desenfreado ou jovens desvitalizados, vitimados pelas drogas ou vícios afins, comparece no universo formado pela vastidão dos textos literários uma pletora de paradigmas identitários.

A literatura contempla, para além dos adolescentes branco/a(s), rebeldes, delinquentes, extremamente erotizados/as, egoístas, destemperado/as, aquele/as cujas identidades se veem perpassadas por paradigmas identitários outros de raça e etnia, classe, religião, filiação ideológica, orientação sexual etc. Os/as adolescentes negros/as, judeu(s)/judia(s), indígenas, ateu(s)/ateia(s), (des)favorecidos/as financeiramente, homossexuais, bissexuais, politizados, alienados, solidários, saudáveis, doentes, adotados, psicóticos, marginais, *nerds* e *cdfs*, absorvido/as pela tecnologia ou leitores/leitoras vorazes de literatura, portadores/as de necessidades especiais, depressivo/as, suicidas, entusiasta(s) e os/as apaixonados(as), entre tantos outros paradigmas, figuram como potencialidades identitárias representadas em páginas de contos, romances, peças teatrais ou composições poéticas que constituem o legado literário juvenil nacional e estrangeiro.

No texto que ora se apresenta, propomos um exercício de investigação literária de duas narrativas que contemplam perfis identitários juvenis não hegemônicos, suplantando o lugar-comum com que muitas vezes é vislumbrada boa parte de jovens e adolescentes. Nas narrativas juvenis *Treze anos de Branca* (1994)¹, do escritor galego Agustín Fernández Paz, e *O tempo das surpresas* (2007), do brasileiro Caio Riter, o espaço é cedido à representação de adolescentes protagonistas que, ao contrário de se caracterizarem por uma vitalidade excessiva, caracterizam-se pelo oposto, **vitimados que são por enfermidades graves**. Em tais obras, *adolescer* rima com *adoecer*. Analisando tais textos no que concerne ao tratamento ideológico dos temas contemplados e aos procedimentos formais de escrita, pretendemos asseverá-las como obras de arte exitosas do ponto de vista estético-literário, ao permitirem, ao leitor juvenil, a experiência vicária de que nos fala Llosa (2004).

Adolescentes enfermos aqui e acolá

Ao contemplarem adolescentes acometidos por enfermidades graves, as narrativas juvenis de Paz e Riter trazem à baila um rico intercâmbio entre Literatura e Medicina, que nos faz remontar ao conceito aristotélico da *kátharsis* como purgação dos sentimentos da plateia na contemplação da tragédia, ao suscitar “o terror e a piedade”. Por analogia tem-se o termo “biblioterapia”, que se traduz no fato de a obra literária poder exercer uma função terapêutica junto ao leitor.

Mas a Literatura não se vê vinculada à Medicina somente pelo efeito causado ao leitor. Também o autor pode se constituir enquanto elemento que figura tal relação:

... a literatura é importante como fator de estabilidade emocional para os próprios escritores. A associação entre talento e distúrbio psíquico é antiga. Aristóteles já observava que o gênio com frequência é melancólico. Shakespeare dizia que se associam na imaginação o lunático, o poeta e o amante, o que tem contrapartida

¹ *Treze anos de Branca*. Todas as traduções do original galego citado foram realizadas pelos autores do presente artigo, com base na 15.a edição da obra (2005).

no dito popular: “De poeta e louco todos nós temos um pouco” (SCLIAR, 2013 p. 29).

Daí se compreende a expressividade de um amplo rol de médicos escritores. Moacyr Scliar, artesão dos dois ofícios, confere protagonismo a personagens médicos em muitas de suas obras ficcionais e reflete sobre Literatura e Medicina em suas crônicas ou quando entrevistado:

O que acontece hoje com a prática médica é que ela recorre muito à tecnologia. Praticamente não existe hoje uma área da medicina à qual a tecnologia não desempenhe um papel. Isso significa procedimento, exame, equipamento. E pode acontecer que essa tecnologia em excesso funcione como uma barreira entre o médico e o paciente, que pode passar a se sentir um objeto de uma investigação, ressentindo-se da falta do contato humano. A literatura é um exemplo do contato humano sob a forma de um texto. Acho que o ato de ler e escrever afina a sensibilidade do médico e faz com que ele, sem desprezar a tecnologia, valorize essa relação médico-paciente (SCLIAR, 2004 p. 1).

Para tanto, o currículo acadêmico dos cursos de Medicina conta com disciplinas em que a leitura de textos ficcionais subsidia o processo de humanização do futuro profissional frente às dores narradas pelos pacientes. Essas narrativas dos doentes, denominadas *anamneses*, são também uma forma pela qual Literatura e Medicina se coadunam.

Pelo fato de, via de regra, apresentar um protagonista na faixa etária dos jovens e adolescentes, estaria a literatura juvenil menos autorizada a ou até mesmo impedida de conferir protagonismo a médicos? Tomem-se narrativas juvenis de ficção científica ou de teor fantástico, perpassadas pelo surreal e o *nonsense*, e se torna fácil demolir a ideia de tal restrição ao subgênero, até mesmo porque “a linguagem literária não se rende à impossibilidade da representação do real. A linguagem literária inventa a nova realidade, com seres e coisas antes inexistentes e os consubstancia enquanto novos corpos que passam a circular no espaço do texto” (MASINA, 2010, p. 2).

Treze anos de Branca e O tempo das surpresas exemplificam a contento o consórcio entre Literatura e Medicina, uma vez que os protagonistas adolescentes sofrem de graves enfermidades – hepatite viral e leucemia, respectivamente.

Em tais obras, o tempo compulsório de busca pela convalescência desencadeia um significativo mergulho, por parte dos protagonistas, em suas próprias subjetividades, por via da rememoração de fatos que, analisados à luz das circunstâncias do presente, evidenciam o caráter cambiante das identidades juvenis representadas.

As narrativas não escamoteiam o tema contemplado, maquiando o problema com fáceis e falaciosas soluções, ludibriando o potencial público leitor. Ao contrário, as doenças e os problemas que delas advêm são apresentados com bastante verismo e problematizados na perspectiva dos protagonistas juvenis, sem didatismo ou ênfase em conteúdos de Biologia e de Medicina veiculados por um discurso fictício como pretexto para o aprendizado científico. É certo que tais protagonistas apresentam uma postura pautada pela curiosidade e pela coragem, no sentido de buscarem conhecimentos sobre suas respectivas doenças. A protagonista Branca, na narrativa galega, recorre à literatura médica e enciclopédica para se inteirar da própria enfermidade:

A própria Branca já se encarregara de consultar as duas enciclopédias que havia em casa e, principalmente, um livro extenso de medicina que seu pai lhe trouxe da biblioteca. E então, nos primeiros dias, informou-se sobre várias coisas. Soube das funções do fígado, tão importantes, e naquelas que não reparara nunca, ainda que já as tivesse estudado em Ciências Naturais no colégio. E soube que, no fundo, ainda tivera sorte, porque a sua era uma hepatite viral do tipo A, que se cura mais facilmente e apresenta bem menos complicações que as outras (PAZ, 2005, p.10-11).

Em *O tempo das surpresas*, Alexandre se anuncia como verdadeiro *expert* sobre a própria doença:

Hoje sei tudo de leucemia. Se alguém me pergunta, posso responder tão bem quanto o doutor Adriano ou quanto a minha mãe. Leio tudo sobre o assunto. Sei as causas prováveis, já que não se conhece de modo seguro o que a provoca. Pode ser irradiação, exposição a drogas, fatores genéticos ou imunológicos, vírus. Sei os sintomas, sei os passos do tratamento.

Sei a porcentagem de adolescentes que superam a doença.

Sei também a porcentagem dos que são derrotados por ela. (RITER, 2007, p.43)

No entanto, o leitor tem mais acesso ao impacto que tais doenças desencadeiam na subjetividade dos protagonistas que a dados científicos a elas relacionadas.

Nas duas narrativas, os protagonistas ambigualmente celebram seus aniversários em um contexto nada favorável à comemoração da vida. Branca contempla a chegada de seus treze anos acamada: “Quando terminou de riscar a data correspondente ao sete de maio, Branca não pôde evitar uma sensação de tristeza [...] Sete de maio de 1992, o dia dos meus treze anos” (PAZ, 2005, p. 12). Em situação ainda mais desditosa, Alexandre comemora aniversário no hospital, cenário em tudo avesso a festas:

Naquela mesma tarde fui internado no hospital. Nunca mais saí. Já faz mais de um ano. Até aniversário já comemorei aqui. Foi tão sem graça. Um bolo, uns refris, um *Parabéns pra você* sem muita alegria. Nada de festa, de DJ, de ficção². (RITER, 2007, p. 42).

O sofrimento dos jovens é relativamente amenizado pelo sentimento de pertencer a uma tribo, a dos pares amigos: “Sua amiga Raquel vinha visitá-la todos os dias e lhe informava pontualmente das coisas que ocorreram a cada dia no colégio” (PAZ, 2005, p. 12);

Dia desses, os dois vieram me visitar, máscara na cara e tudo. Eu havia feito uma sessão de químio, tava derrubado, aberto a toda e qualquer infecção [...] Então não tinha como ficar sem máscara. Até a minha mãe evitava chegar perto. Não que eu possa contaminar alguém, não, não é isso. Essa doença não pega. Aliás, os médicos nem sabem direito como nós a desenvolvemos; as causas podem ser várias, mas não é contagiosa. O problema mesmo é o risco de as pessoas que me

² A obra de Caio Riter se apresenta plena de uma gramática do verbo *ficar*, expressando a dinâmica do estabelecimento de laços afetivos muito mais pautados pelo exercício do erotismo e sexualidade que pelos ditames dos compromissos amorosos. A utilização desse verbo, nesta perspectiva, não se faz presente na obra de Agustín Fernández Paz que se apresenta mais respeitadora da norma padrão que a de Riter, em que se fazem notar gírias e supressões de sílabas que denotam um significativo processo de oralidade na/da escrita: “Afinal, neste tempo todo que tô aqui, já enfiaram um monte de porcaria nas minhas veias. E tudo pra matar a outra porcaria que, ninguém sabe como, tá em mim” (RITER, 2007, p.42).

visitam trazerem algum vírus ou coisa parecida. Eu é que tenho que me proteger dos afetos. (RITER, 2007, p.20)

Além desse suporte afetivo, o calvário da doença só é possível aos protagonistas graças ao fato de contarem com mães zelosas a pronunciarem constantemente a possibilidade da cura: “Se tudo correr bem, no final de junho você já vai estar completamente curada” (PAZ, 2005, p.16); “– Eu não quero morrer, mãe. – Minha voz é leve sussurro. Acho que nem eu mesmo quero ouvir o que digo. Nem eu. – Vai dar tudo certo – diz ela. – Eu não falo mais nada. Só choro, choro, e a abraço com força” (RITER, 2007, p.102).

O repouso compulsório constitui oportunidade de reflexões de ordem filosófica impulsionadas pelo exercício de rememoração do passado. A quietude advinda da inércia física propicia período intenso de recordações, no caso de Branca, acionado pelo fato de ter sido presenteada com um álbum de fotografias, por uma colega, em seu aniversário. A mãe sugere que ela o preencha com fotografias significativas desde o nascimento até os treze anos. As fotos atuam como vetor da memória. Já na narrativa de Riter, no dia que antecede o transplante de medula óssea de Alexandre – para o qual o irmão mais novo é o único doador compatível – a incerteza do sucesso do procedimento médico e da progressividade da vida faz com que ele acione o passado que, diferentemente do futuro, é seu direito irrevogável.

O exercício de reelaboração do passado se empreende por curiosa dinâmica: a memória surpreende, revela o recôndito, segue linhas tortuosas, fixa-se no aparentemente banal e transitório, traz boas, mas também dolorosas lembranças: “Lembrar e contar é nascer de novo e custa e dói” (JOSÉ, 2012, p. 27). Branca dialoga com o pai sobre a dualidade de suas memórias, ora triviais, ora prenhes de sentido:

E é curioso, sabe, papai? Vejo muitas destas fotos e me lembro muito bem quando foram tiradas, mas não me dizem nada. Em compensação, vejo outras e zás! imediatamente me trazem um monte de lembranças. Algumas me fazem lembrar até mesmo das sensações e pensamentos que tive no dia em questão (PAZ, 2005, p. 22-23).

Alexandre se apresenta seletivo, desejando exclusivamente lembranças afortunadas: “Preciso de lembranças boas, só quero as boas” (RITER, 2007, p. 12). Além disso, a ausência de determinadas lembranças é sintomática da existência de laços esgarçados entre ele e o pai, conflito que também constitui a espinha dorsal da narrativa:

Meu pai fez o tal do exame. Não era compatível. Se eu precisasse de um transplante, ele não poderia ser o doador. Pena, eu até que gostaria. Não me lembro muito do meu pai brincando comigo, ou jogando bola. O máximo que se permitia com os filhos era nos levar ao cinema. E era tão bom. (RITER, 2007, p. 35)

Neste intenso processo de rememoração, os protagonistas examinam não somente as relações interpessoais que eles travam com familiares e amigos. A dinâmica das relações afetivas, sempre sujeitas à passagem temporal, comparece também de modo importante nos episódios em que os protagonistas analisam, por exemplo, momentos difíceis do relacionamento de seus respectivos pais:

Papai e mamãe nunca contaram nada daquela época, parece que lhes aborrece recordar um tempo que deve ter sido muito duro para eles. Antes eu também, mas agora sinto cada vez mais vontade de saber como foi a vida deles. E como sempre me respondem com evasivas, tenho que ir encaixando tudo a partir das coisas que escuto, no meio de outras conversas, para saber de verdade o que lhes passou. Acredito que meus pais deviam ter muitos problemas, pelo que dizem às vezes até devem ter pensado em se separar. (PAZ, 2005, p. 38)

Minha mãe balbucia qualquer coisa. Chama o Peter. Eles se gostam. Fico feliz. Claro que todo filho quer mais é ver seus pais juntos, mas sei que a mãe e o pai deixaram de se amar há muito tempo e sei que só convivem por minha causa e do Lucas. Caso contrário, talvez nunca mais teriam se falado. Seria pensão no banco e passe bem. (RITER, 2007, p. 27)

Essa revisitação da dinâmica afetiva revela, para Alexandre, como as relações humanas não estão fadadas aos ditames dos laços biológicos de sangue. A nova configuração familiar advinda do casamento da mãe com o padrasto Peter, opor-

tuniza ao protagonista a experiência da atenção de um pai postiço, mas, inquestionavelmente, mais presente e amoroso que o pai biológico:

Aí eu falei:

- Eu ia gostar muito se você fosse o meu pai.

Vi as lágrimas escorrer pelo rosto dele. Então ele me abraçou, bem forte. Forte como o meu pai nunca tinha conseguido. Eu senti o cheiro do perfume entrando pelo meu nariz, um pouco dele fazendo parte de mim. Respirei bem fundo e acho que a partir daquele dia ele virou um pouco o meu pai mesmo.

Pelo menos, eu penso assim.

Acho que ele também. (RITER, 2007, p. 58)

Nada está fadado à fixidez; tudo é impermanência e alteração, tal como as identidades dos protagonistas que não saem incólumes de processos tão traumáticos:

Sou outra, e vejo muitas coisas de outro jeito. Vejo Luís de outro jeito, assim como nossa amizade, que deixará de ser secreta [...] E vejo também meus pais de outro jeito. Por um lado, foi bonito permanecer em casa tanto tempo, serviu-me para entendê-los um pouco melhor [...] Não sei, julgo tudo de um modo diferente e me parece que tenho mais vontade de viver. (PAZ, 2005, p.120-121)

Meu tempo de hospital tá chegando ao fim. Pro bem ou pro mal. Só amanhã vou saber. O soro, que entra em mim em gotas, começa a acabar; assim como esta noite de lembranças e de expectativa.

Penso na Bianca, penso nos meus amigos, na minha família, em mim. Não sou mais o mesmo Alexandre que entrou neste hospital, não posso ser. Tanta coisa, não só o corte dos cabelos, me foi tornando outro. Mudei para melhor? Sei lá. Seria bom, é claro. Seria. (RITER, 2007, p. 99)

As identidades de Branca e Alexandre se transformam ao sabor das contingências, comprovando como a constituição do sujeito não é fixa, mas movediça, como bem lembra Silva (2011, p. 96-97), na esteira dos estudos de Stuart Hall:

... a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja de natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada.

Desse processo pode resultar uma forte identificação entre os protagonistas e os jovens leitores da narrativa. Ao contemplarem as mudanças significativas vivenciadas por Branca e Alexandre, o leitor adolescente pode concluir que seu próprio fado pode ser modificado, que os acontecimentos não imputam derrotas prontas e acabadas e que o enfrentamento da dor é possível mesmo quando se é jovem. Nesse sentido, as narrativas constituem uma aposta na esperança, não de maneira falaciosa e panfletária, mas operando pela catarse do processo de leitura tão ao gosto pessoano do “Na dor lida sentem bem”.

Esse processo de humanização que a Literatura tão bem desempenha junto aos leitores é muitas vezes reduzido à noção de uma terapêutica literária, noção diante da qual vale indagar e responder com cautela, já que escrever não equivale diretamente a prescrever: “a literatura pode ser terapêutica? A resposta é, como seria de esperar, cautelosa: escrever e ler são ações benéficas para quem as pratica, o que não significa necessariamente que a literatura exerça papel redentor ou seja capaz de realizar curas milagrosas” (ZILBERMAN, 2013, p.13).

Para que o contato do leitor com o texto literário, seja esse leitor um paciente ou não, constitua-se como processo de humanização, é preciso que tais textos não sejam indicados e explorados de forma utilitarista, mas que, ao contrário, se permita prevalecer a literariedade da obra. A mediação leitora precisa ser prudente, seletiva, eficaz e perspicaz a ponto de não ignorar a liberdade autoral de produção de um texto sem pretensões transitivas de utilização, que é o que caracteriza as boas obras de arte literária: “A relação de um autor de ficção com o que escreve não é utilitária, feita de intenções, mensagens e coisas assim” (MACHADO, 2011, p.58).

É de suma importância que o mediador de leitura seja seletivo, evitando textos de menor valor literário em nome de possíveis identificações imediatas que provoquem junto ao leitor e de mensagens apaziguadoras que se empenhem em transmitir. Além disso, tal seleção não se deve pautar exclusivamente por

livros que tematizam a conflituosa condição de ser/estar doente e seus desdobramentos. A literatura reflete a identidade, mas também a alteridade. Ao invés de se limitar a ler textos sobre nossas vidas, queremos, como muito apropriadamente analisa Llosa (2004), acessar outras vidas, por meio da experiência vicária que nos permite a ficção.

Vale considerar a natureza plural das narrativas juvenis aqui examinadas, no que concerne aos temas contemplados. Longe de serem monotemáticas, para além das peculiaridades das doenças que vitimizam os adolescentes, vários outros temas relacionados a eles são focalizados: a rivalidade entre irmãos; o interesse amoroso por outro adolescente – Louis, na primeira narrativa, e Bianca, na segunda; as mudanças corporais e as demandas de uma sexualidade que aflora na puberdade. Branca disseca, ao contemplar fotografias de outrora, as mudanças corporais por que passa:

Como se notam meus seios nesta foto! Aqui ainda estava gorda, parece mentira o que pode mudar uma pessoa em um ano. <<Veja esse estirão no que deu>>, sempre me diz meu pai. Agora acho engraçado mas tive muitos problemas com meus seios durante meses. Lembro-me bem quando começaram a crescer, no final do quinto ano; antes não se notava nada por fora, ainda mais que coincidiu quando usava roupa de frio. Mas assim que chegou o calor e tive de vestir outra roupa, foi impossível escondê-los, coisa que aliás, eu não queria. Não tinha razão minha mãe quando sempre me dizia que isso tinha de ser motivo de alegria, que era um sinal de que eu estava crescendo e abandonando os anos da infância. (PAZ, 2005, p. 87)

Alexandre, por sua vez, contempla o fascínio, próprio e do amigo Cachorrão, pelos seios de tia Júlia:

Quando o Cachorrão deu de cara com ela, enlouqueceu. Só falava nos peitos da tia. Eu e o Rodrigo ríamos um monte. O cara parecia um tarado. A gente até disse pra ele:

- Meu, ela tem idade pra ser sua mãe.
- Mas não é.
- Cachorrão, você tá ficando tarado!

Acho que tava mesmo. E mais tarado ficou ainda quando eu contei que vi a tia Júlia, pela fresta da porta, se penteando em frente ao espelho. Os peitos eram grandes, firmes, bem brancos e com aqueles grandes bicos rosados. (RITER, 2007, p.77-78)

Nessa perspectiva, de uma focalização pluritemática, os adolescentes se debruçam não só sobre problemas por eles enfrentados, mas também pelos infortúnios dos outros. Saem de si mesmos, num passo mais amplo que alcança a alteridade. A narrativa de Agustín Fernández Paz apresenta um contundente e dramático julgamento de Branca sobre a conduta nada ética de uma professora da escola, a víbora capaz de forjar a escrita de um documento para comprometer a moral de Louis:

-Deixou você fechado na sala?

-Não, moça, fechou por dentro. E depois de fechar foi ao meu lugar e começou a remexer dentro da minha mochila. Isso me chamou atenção e me esforcei para ver o que fazia. [...] Eu estava quieto e calado, tentando não fazer nenhum barulho que me denunciasse. Vi como mexia nas minhas coisas e como pegou um caderno e arrancou uma folha. Depois ficou escrevendo nela, eu pensava que estava corrigindo meus exercícios ou algo assim. No entanto, pegou um desses cadernos tão bonitos que tenho, colocou o papel dentro e o fechou, escrevendo algo por fora. Então aproveitei para sair fugindo devagarinho pelas escadas abaixo até chegar ao pátio. De lá vim para minha casa. Um dia depois, à tarde, um pouco antes de entrar na escola, vieram me avisar que me apresentasse o mais rápido possível à Direção. (PAZ, 2005, p. 112)

Já Alexandre se compadece com o sofrimento do padrasto Peter, diante dos problemas apresentados pela filha, Mary Anne, rebelde, perdida e usuária de drogas. O episódio em que o garoto surpreende Peter chorando no quarto revela como a narrativa dessacraliza a figura do adulto como ser supostamente mais equilibrado do ponto de vista emocional que um adolescente. Invertem-se os papéis entre o que cuida e o que é cuidado, entre aquele que provém e o que recebe desvelo:

Uma vez entrei no quarto deles pra pegar qualquer coisa. Ele tinha saído do banho, tava atirado sobre a cama, os olhos pregados no teto. Todo desprotegido. Não sei

se chorava, porém os olhos tavam supervermelhos. Ele voltou os olhos pra mim, sorri. [...]

- Está querendo conversar? – perguntou ele.

- Você tá?

Ele sorriu de novo, sentou na cama.

- Acho que estou.

Sentei ao lado dele. Ele ficou quieto, olhos baixos, fixos no tapete. Eu nunca tinha visto o Peter tão triste. E acho que nunca mais o vi assim depois daquele dia. (RITER, 2007, p. 54)

Essa pluralidade de temas enfocados promove um leque mais amplo da recepção juvenil das narrativas: não somente os adolescentes enfermos conseguem se identificar com os protagonistas; muitos outros adolescentes podem se ver representados nas duas histórias, no que tange a uma busca identitária fortemente marcada por enfrentamentos, dúvidas, anseios e desejos por que passam os adolescentes, humanos que são.

Da experiência amorfa à forma construída, à expressão organizada

O sistema linguístico utilizado cotidianamente em situações discursivas é o mesmo de que dispõem os escritores para dotar suas produções literárias dos atributos de uma obra de arte. O que distingue o engenho estético dos escritores da utilização corriqueira que se faz da língua constitui um processo muito bem examinado por Antonio Candido: “o poeta transforma o informal ou o inexpresso em estrutura organizada” e eleva “a experiência amorfa ao nível da expressão organizada” (CANDIDO, 2004, p. 179).

Se as enfermidades afligem o ser humano desde tempos imemoriais, a obra de arte, por seu turno, ao dar à doença, enquanto experiência amorfa, o *status* de estrutura organizada, “permite que os sentimentos passem do estado de mera emoção, para o da forma construída, que assegura a generalidade e a permanência” (CANDIDO, 2004, p.179). Agustín Fernández Paz e Caio Riter alcançam, em suas respectivas narrativas juvenis, a generalidade e permanência de que nos fala Antonio Candido.

Um dos elementos reveladores da maestria literária de qualquer escritor é a focalização adotada na narração dos acontecimentos, revelando os vários modos de os personagens se posicionarem diante dos fatos e dotando a obra de maior ou menor potencialidade de fomentar a identificação do leitor com os seres de papel que atuam na história. Especialmente em narrativas juvenis, a utilização de um narrador de primeira pessoa adensa o processo de identificação leitor/personagem, porque desconstrói a visão adultocêntrica que impera em algumas obras voltadas a este público, visão essa que advém, muitas vezes, da assimetria de olhares entre o adulto que escreve e o jovem que lê. Isso posto, não se pode concluir que a narração heterodiegética seja um procedimento a ser evitado na construção de narrativas juvenis. A qualidade da obra dependerá, nesse caso, da maestria do escritor em atenuar a assimetria supramencionada.

O escritor galego Agustín Fernández Paz opera por um procedimento instigante em *Treze anos de Branca*: a múltipla focalização dos fatos narrados. Dos treze capítulos que compõem a narrativa, os dois primeiros são narrados em terceira pessoa. Neles o narrador se detém sobre o diagnóstico do quadro inflamatório de Branca, o repouso e tratamento prescritos e a movimentação da família da garota para que este período difícil fosse enfrentado a contento. Dos capítulos 3 a 13, o autor muito sabiamente opta pela narração autodiegética – ou seja, feita pela própria protagonista – focalizando Branca em pleno processo rememorativo encetado pelo álbum de retratos que se propõe a preencher. Ninguém melhor que Branca para narrar suas próprias memórias! Como num *zoom* aproximativo de uma câmera fotográfica, o narrador em terceira pessoa cede sua voz para a protagonista tornada narradora, permitindo ao leitor o acesso mais direto à subjetividade da personagem. A narração se dá a partir de uma perspectiva que mimetiza o ponto de vista juvenil e não de uma perspectiva adulta. Nisso reside um dos grandes méritos da obra.

Esse processo de composição narrativa não implica, no entanto, num vislumbre parcial e comprometido dos fatos narrados. Há também espaço para uma observação aguçada que se traduz, entre outros, pelo procedimento da auto-crítica, como neste episódio em que Branca passa do exame da falta de ética da professora à crítica que faz de si própria:

Eu não sabia que as pessoas podiam ser tão más. Quer dizer, saber, sabia; pelo que te contam, pelo que se lê, pelo que se ouve. O que quero dizer é que eu nunca

tinha visto a maldade tão perto de mim, não acreditava que uma pessoa pudesse ser capaz de fazer uma baixezinha dessas. Muito menos uma professora, que em tese deveria nos formar. Por mais errado que estivesse Luís, o normal é supor que ela se comportasse com honradez, é impensável uma calhordice tão grande como essa. A verdade é que me sinto perturbada! Não me admira nada que papai e mamãe se aborreçam às vezes comigo, porque eu mesma não me entendo muitas vezes, devo reconhecer. (PAZ, 2005, p. 26)

A focalização adotada em *O tempo das surpresas* é autodiegética ao longo de toda a narrativa. No entanto, como já mencionado, Alexandre é capaz de efetivar uma mirada mais ampla sobre a condição humana, ao alternar a narração sobre a leucemia que o acomete com a contemplação de conflitos de outros personagens. Alexandre contempla o outro no mesmo campo ótico em que contempla o eu.

Os dezessete capítulos de *O tempo das surpresas* são intitulados com a palavra “tempo” seguida de determinado complemento: “Tempo de lembranças”; “Tempo de doenças”, “Tempo de beijos”, “Tempo de alegria”, “Tempo de choro”; “Tempo de morte”, “Tempo dos tempos”, entre outros. Esta estrutura que remete ao Eclesiastes bíblico sugere a multiplicidade e a transitoriedade dos fatos que compõem a história de vida do ser humano.

Outro procedimento composicional digno de nota é a reiteração do pesadelo de Alexandre. Nele, o protagonista caminha por uma floresta escura, perseguido por uma presença enigmática, que seu subconsciente expressa ao sabor da carência sentimental do garoto em relação ao pai ausente, a morar no exterior, não vivenciando de perto o tratamento da doença do filho e o provendo somente de bens financeiros. O protagonista faz análise com uma psicóloga, Clara, sendo estes um dos momentos expressivos em que Literatura e Medicina partilham o mesmo território: o da narrativa. Pauta de Alexandre nessas sessões de análise – por insistências de Clara – o pesadelo revela finalmente a Alexandre a presença amorosa interdita, a satisfação da demanda filial de um amor paterno não outorgado. A presença de verbos no presente do indicativo, neste episódio da revelação da identidade da misteriosa figura, imprime à narrativa uma dinâmica e veracidade que a preenchem de contornos líricos, poeticamente tecidos, aptos a despertar a catarse:

Não grito. Ao contrário, os dedos pousam em mim e eu me viro bem devagar [...] Vou me virar pra ver o rosto do dono dos passos.

Viro-me. E sinto o aroma.

Minha mãe se mexe na cama ao lado. Fecho bem meus olhos, não quero despertar deste sonho inventado, deste sonho acordado. Quero a resposta.

Os dedos pousam em meu ombro e me viro bem devagar. Olhos nos olhos, ele me sorri. Diz: *Fique tranquilo, meu filho. Sou eu.* (RITER, 2007, p. 98-99)

Igualmente catártico é o desfecho do livro, cuja indefinição insurge como outro interessante elemento de composição estrutural. O leitor acompanha Alexandre rumo à sala de cirurgia em que o transplante acontecerá, mas ali é detido, não tendo acesso ao desenrolar dos acontecimentos. A escolha por um desfecho que não se revela, mas se interrompe, imprime à obra a abertura e multiplicidade de sentidos que caracterizam boa parte das obras literárias dignas de nota. Riter demanda ao leitor a sentença de cura ou de morte a Alexandre, conforme opte por esta ou aquela interpretação:

A enfermeira retorna, deito na maca, ela empurra. Minha mãe pega a minha mão e caminha ao meu lado pelo corredor. Olhos nos meus olhos. Brilho de lágrima contida. A maca para diante da sala de cirurgia. Ela solta minha mão, não sem antes apertá-la, não sem antes repetir que tudo dará certo.

Sorriso. Penso nos meus amigos. Penso na Bianca na Lisa, na Mary Anne.

Em tudo e em nada.

A porta se abre, empurrada pela maca.

Eu entro. (RITER, 2007, p.128)

Entra o protagonista no centro cirúrgico e sai o leitor de uma experiência literária indubitavelmente catártica, tal como a que sente ao acompanhar a transposição do infortúnio por parte de Branca: “E agora sei também que, depois de atravessar esta terra de ninguém, me aguarda um tempo novo, em que nada há de ser igual. Um tempo novo. Já não era sem tempo!” (PAZ, 2005, p.123). Não escravizadas ao “afã localista na prescrição de temas [...] adequados ao jovem leitor” (CADEMARTORI, 2009, p.60), as duas narrativas constituem exemplares profícuos do legado literário disponível a jovens leitores, representando o humano em sua rica e indubitável multiplicidade. Sem a ingênua pretensão de

escamotear ou apaziguar os males causados pelas doenças, tais narrativas cumprem a contento uma das funções principais da literatura, como aponta Umberto Eco, qual seja, a de exercer uma “educação ao Fado e à morte” (ECO, 2003, p.21), ainda que tais textos constituam, como dito anteriormente, uma aposta na esperança.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. Sobre livros didáticos e de ficção e poesia. 2006. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Sobre-livros-didaticos-e-de-ficcao.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2007.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 12. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 18.
- CADEMARTORI, Ligia. O mundo é maior que o meu bairro. In: _____. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 59-65.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.
- ECO, Umberto. *Sobre a Literatura*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- JOSÉ, Elias. *Memória, cultura e literatura: o prazer de ler e recriar o mundo*. São Paulo: Paulus, 2012.
- LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. Tradução de Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. Histórias em hospitais. In: _____. *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leituras*. São Paulo: Companhia da Letras, 2011, p.58-66.
- MASINA, Léa. *Literatura e Medicina: diálogos possíveis*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=450. Acesso em 15 de setembro de 2015.
- Para Scliar, ciência e literatura são compartimentos da mesma cultura. Entrevista concedida ao *Jornal da UNICAMP*. 2004. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju253pag09.pdf. Acesso em 9 de outubro de 2015.
- PAZ, Agustín Fernández. *Trece anos de Branca*. 15. ed. A Coruña-ES: Rodeira, 2005.
- RITER, Caio. *O tempo das surpresas*. Ilustrações de Adams Carvalho. São Paulo: Edições SM, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *Território da emoção*: crônicas de medicina e saúde. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*: a perspectiva dos Estudos Culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 73-102.

STEINER, George. Alfabetização humanista. In: _____. *Linguagem e silêncio*: ensaios sobre a crise da palavra. Tradução de Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 21-29.

ZILBERMAN, Regina. Leitura prazerosa sobre a saúde. In: SCLIAR, Moacyr. *Território da emoção*: crônicas de medicina e saúde. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9-18.

Submetido em: 30-11-2015

Aprovado para publicação: 04-08-2016